

AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA INSTITUCIONAL

Elizeu Clementino de Souza¹

Universidade Federal da Bahia – esclementino@uol.com.br

O presente texto² resulta de reflexões teóricas concernentes à memória e o papel das narrativas como práticas de formação. Tomo como referência para organização do presente texto trabalhos de Souza (2003, 2005) que sistematizam reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação e a fertilidade da utilização do trabalho centrado na memória (Catani, 1997) e na abordagem biográfica na formação inicial e/ou continuada de professores.

A pesquisa³ que ora desenvolvemos se inscreve na tentativa de contribuir para a superação da escassez de investigações, principalmente em nível local no campo das histórias de vida e das instituições, que relacionem gênero, docência e memória. Pensamos que essas categorias possam apontar para visualização das possibilidades formativas do gênero na produção da profissão docente.

Quando invocamos a memória não estamos entendendo-a como algo que se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. Sabemos que a memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e cada cultura.

A arte de lembrar⁴ remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências.

Trabalhar com a memória de ex-normalistas e/ou professoras faz emergir a necessidade de construir um olhar retrospectivo e prospectivo no/e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de formação de professores. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é o situar-se no passado e no presente. Tempo, memória e esquecimento. Uma trilogia para pensar a arte de lembrar, para estruturar um olhar sobre si, para revelar-se. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.

Sobre a relação memória e esquecimento, buscamos em Augé⁵ pistas para entender que as mesmas são solidári-

as e vinculadas ao tempo presente. O esquecimento nos remete ao presente, mesmo que seja para viver em outra dimensão as experiências circunscritas de nossa vida. Afirma o autor que “É preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel”. (1998, p. 106). Corroboramos a idéia do referido autor, quando entendemos que o conceito de esquecimento como ausência de recordação ganha outro significado, quando o vê como um componente indissociável da memória, visto que “O esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” (p. 27).

Embora a ênfase central da pesquisa seja a História da instituição escolar _ Colégio Nossa Senhora do Carmo _, pretendemos outras entradas na pesquisa, uma primeira que tratará da memória, história de vida e representações de ex-normalistas sobre a formação docente e, outra, que consiste na pesquisa da História de Vida e obra da Professora Olga Mettig, no sentido de contribuir para a construção do Memorial Olga Mettig e apreender questões teóricas e históricas do pensamento pedagógico da referida educadora como uma das referências para a constituição do campo da História da Educação na Bahia, por considerar a função formativa dos seus livros didáticos e as práticas desenvolvidas no Curso Normal do Colégio Nossa Senhora do Carmo.

Memória, História de Vida e Formação Docente⁶

Pensar a memória como fonte para o estudo do processo de formação docente implica explicitar nossas opções epistemológicas, metodológicas e ideológicas. Somos herdeiros/as de uma epistemologia moderna que buscou na distinção clara entre sujeito-objeto, no calar a subjetividade, o caminho para construir o conhecimento objetivo. Evidentemente que nossa proposta epistemológica e metodológica situa-se numa perspectiva crítica à epistemologia moderna. Nossa crença não é a de que a descorporificação do conhecimento garanta rigor e imparcialidade, já que os corpos, as memórias e as intencionalidades estão, dialeticamente, situadas em determinado espaço/tempo. Portanto, do ponto de vista epistemológico acreditamos que toda cosmovisão está relacionada com uma moldura teórica que a condiciona e enfoca, ou seja, “vemos unicamente na zona do espectro a que somos sensíveis e vemos de maneira diferente segundo a iluminação e a nossa sensibilidade” (Najmanovich, 2001, p. 25).

Do ponto de vista metodológico, nossa opção pela abordagem biográfico-narrativa assume a complexidade e a difi-

culdade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido. Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades também únicas. Nesse sentido a abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História. A pesquisa como toda prática social deve assumir ideologicamente seus valores e seus vínculos de toda ordem: classe, gênero, raça, religião, etc.

A afirmação da história de vida situa-se no campo da virada hermenêutica em que se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas. A história de vida enquanto método/técnica de pesquisa origina-se na Escola de Chicago, no bojo da crise do funcionalismo e do positivismo. No campo da História, a Escola dos Annales contribuiu ampliando as fontes históricas ao dar visibilidade aos relatos autobiográficos. O reconhecimento da legitimidade dessas fontes para a pesquisa em história permitiu que vozes até então negadas pela história tradicional reivindicassem o direito de falar, o que significou reconhecer que a história é um campo de tenção e disputa. Assim os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais vão buscar na indagação do passado as relações que os conformaram no presente e que permitam pensar em projetos de futuro.

Autores que têm trazido para a cena o jogo das subjetividades numa perspectiva dialética, sem cair no nihilismo, como Macedo (2000), Nóvoa e Finguer (1988), Ferrarotti (1988), Lang (1996, 2000), Bom Meihy (1996), Queiroz (1988) e Demartini (1988) contribuem para pensarmos a articulação entre as pressões reais da vida, a consciência e as intencionalidades num novo paradigma interpretativo onde as narrativas se legitimam como fontes imprescindíveis, ainda que não as únicas, de compreensão dos fenômenos humanos, principalmente da história de vida numa perspectiva sociológica, histórica e sua utilização no campo da ciência da educação.

No contexto da América Latina, Camargo, Hipólito e Lima (1984) ao avaliar preliminarmente a produção científica sobre a história de vida, apresentam um levantamento significativo sobre a utilização deste método de pesquisa, afirmando que seu emprego na latino-américa é um “fenômeno

do pós-guerra” como uma das formas de despertar no terceiro mundo, com base em influências de organismos internacionais e de pesquisadores, uma maior consciência de sua estrutura sócio-política-econômica, bem como a construção de um movimento de descolonização da nova ordem mundial.

No Brasil a utilização da história de vida inscreve-se sobre as influências da História Oral e sua introdução instaura-se nos anos 60 com o programa de História Oral do CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil _ Fundação Getúlio Vargas), com o propósito de colher depoimentos da elite política nacional, demarcando produções/expansão nos anos 90, inclusive com a criação e influência exercida pela ABHO (Associação Brasileira de História Oral – 1994) frente à realização de seminários e a divulgação de pesquisas da área.

No campo da educação, diversos movimentos vêm-se constituindo, desde o início dos anos 90, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Cabe destaque o trabalho desenvolvido pelo GEDOMGE/FEUSP (Grupo de Estudo sobre Docência, Memória e Gênero), sob a coordenação de Catani, Souza, Bueno e Sousa (1993, 1996, 1997, 1998) e Catani (2000 e 2003), bem como as investigações realizadas durante o biênio 1997/99 através do GEPIS/UFSM (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Imaginário Social), através de pesquisas em rede que inter cruzam as temáticas sobre história de vida, docência, gênero, subjetividade e imaginário na perspectiva de contribuir com a formação de professores. Por isso, cada vez mais, ganham corpo e expressão estudos sobre formação de professores que tematizam sobre os percursos de formação com enfoque na história de vida, nas biografias e nos depoimentos orais.

Pesquisa Narrativa: Possibilidades Metodológicas

É inevitável pensarmos em algumas questões de opção teórica como pesquisadores quando nos vemos imbricados no processo de ouvintes sensíveis das experiências de quem olha, retrospectivamente, para sua vida procurando os sentidos de suas opções. Nesse movimento nós mesmos, como pesquisadores, revivemos com elas nossas próprias opções, já que somos também professores/as. A pergunta que nos mobiliza é: o que faremos para compreender como se dá o processo de construção identitária das professoras que articulam a dimensão pessoal / profissional / individual / coletiva? Consideramos ser pertinente começar pela reflexão sobre as formas de ouvir, registrar e

interpretar as narrativas. Primeiro é importante apresentar a dimensão de narrativa que estamos trabalhando. Narrar é enunciar uma experiência particular refletida e sobre a qual construímos um sentido e damos um significado, logo garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, o que deve ser dito e o que deve ser calado.

Bom Meihy (1996) classifica os tipos de relatos como modalidades assim denominadas: *história oral de vida* (narrativa da totalidade de experiência de vida de uma pessoa); *história oral temática* (recorte da história de vida do ator sobre a temática estudada) e *tradição oral* (relacionada às manifestações do passado sobre o folclore e a transmissão geracional). Outra tipificação é apresentada por Lang (1996), quando considera: *a história oral de vida* (configurando-se como o relato do narrador sobre sua vivência através do tempo); *relatos orais de vida* (tem como foco a narração direcionada a uma temática e o narrador aborda aspectos de sua vida concernente ao objeto pesquisado) e *depoimentos orais* (coleta de informações factuais do ator sobre sua existência em situação específica ou sua filiação/participação em instituição que se estuda).

Queiroz define narração como “o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (1981, p. 19). A referida autora apresenta uma distinção entre o depoimento e a história de vida, levando-se em consideração o papel do pesquisador e a forma que utiliza para recolha dos dados. No trabalho de coleta de depoimentos o investigador dirige o informante diante do objeto e das questões que pesquisa, ou seja, é o pesquisador quem dirige e conduz a entrevista frente aos acontecimentos da vida do informante que possam ser incluídos no trabalho. Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida.

Percebemos que, nas áreas das ciências sociais, as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes e embora considerem os aspectos metodológicos e teóricos que as distinguem, como constituintes da abordagem biográfica que utiliza fontes orais, delimitam-se na perspectiva da História Oral. Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrati-

vas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica da História Oral. Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras.

Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada de história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização. Evidenciamos, com base em Queiroz (1988), que a abordagem biográfica tanto é método, porque logrou no seu processo histórico vasta fundamentação teórica, quanto é técnica porque também gozou de conflitos, consensos e implicações teórico-metodológicas sobre a sua utilização. As variadas tipificações ou classificações no uso do método biográfico inscrevem-se no âmbito de pesquisas sócio-educacionais como uma possibilidade de, a partir da voz dos atores/atrizes sociais recuperar, a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, sócio-culturalmente situados, garantindo às mesmas o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes. Assim, para Nóvoa, “as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (1988, p. 116).

A fim de aprofundar a discussão sobre a relação entre docência, memória e gênero, faz-se necessário uma abordagem de pesquisa que possibilite a compreensão da narrativa da história de vida das ex-normalistas do Colégio Nossa Senhora do Carmo e suas relações com a construção da identidade docente tanto em sua dimensão de singularidade e heterogeneidade, quanto na dimensão de totalidade.

Narrativas de Formação e Profissionalização Docente

O impulso para ouvir a voz e apreender histórias, memórias e narrativas sobre o Colégio Nossa Senhora do Carmo, as representações de ex-normalistas, através dos depoimentos orais articulam, através de um olhar retrospectivo e prospectivo, possibilidades de compreensão de processos e fenômenos sócio-educativos, mais especificamente, aqueles relacionados à história das instituições, bem como àqueles referentes à sala de aula e a prática docente.

A pergunta fundamental então é: que conhecimento é possível gerar a partir das narrativas (auto) biográficas e

qual é a relevância desse conhecimento para o processo formativo da profissão docente? Nossa pesquisa pretende responder à pergunta partindo do recolhimento dos saberes docentes forjados na prática das professoras e avaliar sua potencialidade para realimentar as teorias pedagógicas. Esses saberes ontologicamente elaborados e implicados com a vida são a base a partir da qual a endo-etnografia escolar “*desvelaria realidades até hoje em opacidade, escondidas numa ‘caixa preta’ quase que intocável pela análise sistêmica de entrada e saída, muito ao gosto do macro-estruturalismo*” (Macedo, 2000, p. 255)

Segundo Nóvoa (1992), “os métodos biográficos, a autoformação e as biografias educativas” começaram a ser utilizados a partir do final dos anos 70, o que demarca outras percepções sobre o percurso de formação, bem como confronta-se com os métodos dominantes no cenário da pesquisa educacional.

Para finalizar, outra questão importante é indicar como concebemos o papel do pesquisador no processo de recolha das fontes e elaboração do conhecimento. Não concordamos com as posições que reduzem o papel do pesquisador à mera descrição, argumentando que toda interpretação implica traição à essência do discurso do outro. O papel do pesquisador não pode limitar-se a tomar notas, pois sua tarefa é a escuta sensível na qual percebe os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas. Os relatos somente são relevantes porque respondem à historicidade e subjetividade dos sujeitos em suas itinerâncias e formação. Desta forma, pretendemos melhor compreender e reafirmar a utilização da pesquisa histórica e da narrativa (auto) biográfica, como opção metodológica para a presente pesquisa, visto que a mesma possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e por outro lado possibilita, a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação, na medida em que tenciona: pesquisar a história do Colégio Nossa Senhora do Carmo, a história de vida e obra de Dona Olga e reconstituir memórias de escolarização de mulheres que experienciaram sua formação para o magistério no Colégio Nossa Senhora do Carmo nos anos 50/60; identificar e problematizar concepções de formação docente e relações de gênero que balizaram o processo de escolarização dessas professoras; analisar as relações entre experiências de escolarização proporcionadas por essa instituição e as construções profissionais e de gênero dessas professoras.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc – **As formas do esquecimento**. Trad. de Ernesto Sampaio, Lisboa: Imanedições, 1998.

BOM MEIHY, José Carlos S. – **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira e SOUSA, Cynthia Pereira de (Orgs.) – Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, pp. 299-318, 1993.

_____. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, nº 2, pp 61/76, Mai./Ago. 1996.

CATANI, Denice Bárbara (Org.) et al. _ **Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

_____. **A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia** São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

CATANI, Denice Bárbara – “O Amor dos começos”: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 11, pp. 151/171, dezembro 2000.

_____. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.) – **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, pp. 119/130.

CAMARGO, Apásia; LIMA, Valentina da Rocha e HIPÓLITO, Lúcia _ O método de história de vida na America Latina. In.: **Cadernos do CERU**. N.º 19, São Paulo: 1984, pp. 148-180.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri – Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In.: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) – **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, pp. 44/105.

FERRAROTI, Franco – Sobre a autonomia do método biográfico. In.: NÓVOA, António e FINGER, Mathias – **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, pp. 17/34.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo – História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In.: MEIHY, José Carlos Bom – **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, pp. 56/78.

_____. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. In **Caderno do CERU**, São Paulo, Série 2, n. 11, 2000, pp. 123/134.

LARROSA, Jorge (Org.) – Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 35/86.

MACEDO, Roberto Sidney – **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial**: nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA, 2000.

NAJMANOVICH, Denise. **O Sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, António e FINGER, Mathias – **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA, António (Org.) – **Vida de Professores**. Porto: Porto Ed., 1992.

POLLAK, Michael – Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1989, pp 3/15.

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. In.: **CADERNOS DO CERU**. N.º 16, São Paulo: nov. 1981, pp. 107-115.

_____. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In.: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) – **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, pp. 14/43.

SOUZA, Elizeu Clementino de – História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto)biográficas. In.: MACEDO, Roberto Sidney (Org.) – **Currículo e Docência**: tensões contemporâneas interfaces pós-formais. Salvador: Editora da UNEB, 2003, pp. 35/56.

SOUZA, Elizeu Clementino e FORNARI, Liege Maria Sitja – Colégio Nossa Senhora do Carmo: memória, história institucional e representações sobre a formação docente. In. FERRAZ, Jaci Maria e SOTTO, Jumara Novaes et al. **Educação na Bahia**: memória, registros, testemunhos. Salvador: EDUNEB, 2005, pp. 347/356.

THOMPSON, Paul – A memória e o eu. In: **A voz do passado**: história oral. 2ª Ed., Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, pp. 197/216.

NOTAS

* Doutor em Educação pela FAGED/UFBA, Professor da Faculdade de Educação da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Coordenador do GT de Educação Fundamental da ANPEd (2006/2007) esclementino@uol.com.br

² O presente texto é parte da Comunicação apresentada no VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, ocorrido em Uberlândia entre os dias 17 a 20 de abril de 2006.

³ Faço referência á Pesquisa História e Memória do Colégio Nossa senhora do Carmo: imagens e representações sociais sobre a docência (1950/1960), vinculada ao Departamento de Educação campus I UNEB e Faculdades Integradas Olga Mettig.

⁴ Nessa linha de pensamento buscamos nos aproximar do sistema conceitual mobilizado por ex-normalistas para descrever suas imagens/lembranças de como foi se tornar professora nos anos 50/60 em Salvador. Para tanto, as questões que nos inquietam são: que concepções de gênero balizaram e sustentaram a formação de professoras no Colégio Nossa Senhora do Carmo nas décadas de 50/60? Que lembranças e representações têm as ex-normalistas em relação ao seu percurso de formação e ingresso na profissão? Qual o papel exercido por esta escola em relação à formação de professoras para o contexto educacional baiano? Como são elaboradas as imagens, representações e memória sobre os percursos pessoal/profissional nestes períodos?

⁵ Sobre a relação memória esquecimento, Marc Auge (1998), em seu livro *As Formas do Esquecimento* e, mais especificamente, no texto *A Memória e o Esquecimento* (pp. 11/33), afirma que “Fazer o elogio do esquecimento não é vilipendiar a memória, e ainda menos ignorar a recordação, mas reconhecer o trabalho do esquecimento na primeira e assinalar a sua presença na segunda. A memória e o esquecimento mantêm de algum modo a mesma relação que existe entre vida e morte” (p. 19).

⁶ Parte deste texto corresponde à síntese do artigo de SOUZA, *História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto) biográficas*. In.: MACEDO, Roberto Sidney (Org.) – *Currículo e Docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais*. 2003, pp. 35/56.

